



## POR UMA QUESTÃO DE LIMPEZA E UM IRREMEDIÁVEL EQUÍVOCO

Escurecia. No corrimão da varanda do balcão escorriam, lânguidas e brilhantes, gotas de chuva. Já não ouvia o irritante crocitar dos corvos, vigiando, do alto das árvores, as crias no chão, sombras minúsculas aprendendo o mister das asas. O mundo partia com o Outono. Havia um silêncio profundo na tarde que findava. Estendia-se pelo céu, sob esvoaçantes folhas de neblina que começavam a encobrir as montanhas ao fundo.

Angelina teve um arrepio de frio. Pousou a caneca de café no tampo da mesa de vidro e correu o fecho do casaco. Foi quando ouviu o telefone.

– Angelina? Aqui é o Ventúrio.

A voz, rouca, foi como uma descarga eléctrica. Arrependeu-se de ter atendido. «Palerma», murmurou, tapando o microfone instintivamente com a palma da mão esquerda. Fora tarde, porém.

– Não percebi ...

– Nem eu. Deve ser das linhas.

Pausa. Ventúrio era a última pessoa no mundo com quem desejava falar nesse momento.

– Você diz essa palavra no serviço quando está zangada. É portuguesa, não é?

– Não sei de que está a falar ...

– Palerma, falo da palavra palerma. É portuguesa, sem dúvida. O que quer dizer?

– Você não me telefonou para aprender português, foi? Pode dizer o que é? Tenho o café a arrefecer na varanda.

– Angelina, estive a pensar no incidente de hoje. O melhor será um de nós pedir a transferência para outra escola. A situação vai tornar-se muito tensa depois da partida que você me pregou.

Angelina perdeu a compostura.

– Nunca pensei que você fosse tão estúpido! Chama partida a um incidente? Se você está mal, que se mude, ora essa!

\*\*\*

Sentou-se, descoroçoada, no cadeirão da sala. Enfiou os pés numa bacia com água quente e curvou-se para os massajar. Depois, lentamente, passou creme pelas pernas e os braços. Massajou ainda os ombros e o pescoço. Adorava a luz. No Verão, naquele mesmo lugar, o sol, flamejante, beijava-lhe os joelhos. Agora o rio imenso da noite caía com o fragor das mais revoltas águas outonais. Até a voz de Ventúrio lhe soara a chuva.

Tudo começara na sala de trabalhos manuais. Ventúrio aparecera-lhe de repente no corredor, acompanhado de Jerónimo. Vinham munidos de vassouras, baldes, panos e sabão líquido.

– Angelina, venha connosco. O reitor quer a sala de trabalhos manuais limpa hoje.

Seguiu-os contrariada. Faltava-lhe passar o pano no corredor e aspirar a biblioteca. Mas ordens eram ordens.

À sua frente, os dois homens pareciam o Bucha e o Estica. Ventúrio, muito pesado, andava com as pernas a roçar uma na outra, tchac, tchac, o cabelo, sempre aparado como um locutor de televisão, as bochechas reluzentes, abrasadas. Jerónimo não podia ser mais o oposto: franzino como uma verga, dava a impressão de um mosquito espremido, melenas longas e espalmadas sob o boné. Acompanhava o colega aos saltinhos, a barba por fazer pois tinha o estranho hábito de barbear-se apenas às terças e aos sábados.

A sala estava um pandemónio – cadeiras voltadas, ferramentas por todo o lado, os balcões de carpintaria sujos de farelo, vidros partidos de uma janela por onde os vândalos tinham entrado na noite anterior. O pó de gesso era tanto que parecia ter nevado lá dentro.

Jerónimo deixou passar uma imprecação pelos dentes nicotinados. Ventúrio, aturdido, abanava a cabeça.

Especados à porta, Angelina teve de se pôr em bicos de pés para espreitar. «Bonito serviço!» comentou prostrada.

Hora e meia depois a sala reluzia de limpeza.

– E se fôssemos buscar uma piza? Tenho a fome de um cavalo – disse Ventúrio, levando a mão ao nariz antes de espirrar.

– Sujos desta maneira? – espantou-se Angelina.

Entreolharam-se. Estavam num estado lastimável.

– E se nos limpássemos com o aspirador? – propôs Angelina. – Depois era só lavar as mãos e a cara.

Nenhum respondeu. Ante a indecisão deles, Angelina usou do seu habitual engenho: pegou no cano do aspirador e limpou-se da cabeça aos pés.

– Quem está a seguir? – perguntou olhando para ambos. Jerónimo pôs-se logo diante dela.

Ficou tão limpo como se tivesse acabado de se vestir de fresco. Até o bigode, tão hirto como ervas congeladas, lho aspirou.

Ventúrio, chegado a sua vez, recuou. Indiferente à sua indecisão, Angelina lançou-lhe ao peito a boca ávida do aspirador. Correu-lhe a camisa de flanela, as calças de ganga e as sapatas de ginástica. Depois o pescoço, que o fez estremecer com cócegas, a cara, e só então o cabelo. No preciso momento em que Angelina passava o cano pela sua testa suada, aconteceu o imprevisto: os belos caracóis de Ventúrio desapareceram pelo cano a uma velocidade alucinante.

– Minha grande cabra! – berrou Ventúrio exasperado, tentando cobrir com as mãos a brancura da pelada, tão alva como o rabinho de um bebé.

Angelina abriu o aspirador para reaver a cabeleira postiça. Quis limpá-la mas Ventúrio, truculento, arrancou-a das suas mãos. Colocou-a na cabeça como pôde e saiu pelo corredor fora a mastigar os mais venenosos insultos contra ela.

**EDUARDO BETTENCOURT PINTO**

